

## Impeachment como circuito perverso na política

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Departamento de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta  
Grossa, Ponta Grossa, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3069-6697>

[murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br)

**Resumo:** A intenção deste artigo é reconhecer signos perversos e antipolíticos no processo de impeachment de Dilma Rousseff, que aconteceu em 2016. A partir de concepções de Hannah Arendt sobre política, o texto reconhece o consumo e a recepção das capas da revista Veja por pessoas anônimas enquanto valores perversos. Para isso, a pesquisa tem como metodologia o conceito de circuito de cultura desenvolvido por Richard Johnson para acompanhar que valores perversos foram reconhecidos desde a produção até à circulação do processo comunicacional. Assim, a pesquisa aponta que o impeachment foi realizado a partir da destruição do espaço político em nome das paixões privadas que circularam enquanto valores culturais e morais.

**Palavras-chave:** circuito; perversão; impeachment.

---

### Impeachment as perverse circuit in politics

**Abstract:** This article's intention is to recognize perverse and antipolitical signs over Dilma Rousseff's impeachment process, that happened in 2016. Started from Hannah Arendt's conceptions about politics, this text recognizes the consumption and the acceptance of the magazines covers from Veja Magazine, one of the most read in Brazil, by anonymous people on their perverse standards. For that, the research uses as methodology the concept of culture circuit developed by Richard Johnson, in order to keep up with that perverse values were recognized and assumed since the magazine's production until the communication process of its circulation. Thereby, the research's results indicate that Dilma Rousseff's impeachment process was produced from the destruction, at that time, of the established political space, in name of private passions which were spread as cultural and moral values.

**Keywords:** circuit; perversion; impeachment.

---

## Impeachment como circuito perverso en la política

**Resumen:** La intención de este artículo es reconocer signos perversos y antipolíticos en el proceso de impeachment de Dilma Rousseff, que tuvo lugar en 2016. A partir de las concepciones de Hannah Arendt sobre política, el texto reconoce el consumo y la recepción de las portadas de la revista *Veja* por personas anónimas a la vez que perversas. valores. Para ello, la investigación utiliza como metodología el concepto de circuito cultural desarrollado por Richard Johnson para monitorear qué valores perversos fueron reconocidos desde la producción hasta la circulación del proceso comunicacional. Así, la investigación señala que impeachment se llevó a cabo desde la destrucción del espacio político en nombre de pasiones privadas que circulaban como valores culturales y morales.

**Palabras clave:** circuito; perversión; impeachment.

### I. Introdução

A intenção deste artigo é reconhecer valores fora do esquadro da ação política pensada por Hannah Arendt (1983, 1989) e aspectos perversos apresentados por Szpancekopf (2003, 2011) no fomento do *impeachment* de 2016 sofrido por Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). A hipótese levantada na pesquisa ocorre a partir da *leitura* feita por pessoas anônimas das capas da revista *Veja*, tendo como metodologia o circuito de cultura desenvolvido por Richard Johnson (2006). O autor acredita que o sentido da cultura não se encontra exclusivamente nos discursos produzidos, mas enquanto sintoma dos contextos em que foram produzidos e pela *leitura* dos interlocutores, sendo esta constituída por aspectos e valores subjetivos e culturais.

Assim, foi composto um grupo de oito pessoas (moradores de Londrina/PR), que participaram em entrevistas individuais sobre a recepção

de 24 capas da revista *Veja*<sup>1</sup>, selecionadas a partir de um universo de 162. As edições, escolhidas aleatoriamente, foram publicadas entre 2014 e 2017, período que compreende a campanha de reeleição de Dilma Rousseff (agosto de 2014) até o primeiro ano de Michel Temer na presidência do Brasil (agosto 2017). As entrevistas foram realizadas entre janeiro e maio de 2018. A opção por analisar capas acontece porque estas “são imagens sintéticas, tratam de um tempo condensado” (Silva, 2011, p. 15), o que torna mais fácil a leitura e entendimento dos participantes da pesquisa. A leitura das capas da publicação servirá de passagens para acompanhar os afetos dos participantes no espaço público.

A pesquisa se apoia no entendimento de afeto como sendo uma entidade que costura as formas de sociabilidade, comunicação e que também traz aspectos subjetivos que devem ser levados em consideração no reconhecimento dos discursos dos interlocutores e seus locais de fala. Assim:

*[...] affect is always constituted in the space between individuality and sociality, between consciousness and materiality, between the knowable and the not-yet-articulated. Affect encompasses a variety of ways in which we ‘feel’ the world in our experience, including moods, emotions, maps of what matters and of what one cares about, pleasures and desires, passions, sentiments, etc. (Grossberg, 2018, p. 11).*

Um outro ponto importante é o conceito de política de Hannah Arendt (1983, 1989, 2001). A autora reconhece que o espaço político é construído a partir das iniciativas de visibilidade, liberdade, pluralidade e comunicação por sujeitos que prezam pelo ambiente em comum. Além disto, Arendt (1999) acreditou na qualidade de pensar para formar ações políticas e evitar a

---

<sup>1</sup> Foram selecionadas as edições dos números 2394, 2397, 2395 (de 2014), 2438, 2455, 2446, 2447, 2456 (de 2015), 2469, 2471, 2477, 2480, 2502, 2506, 2509 (de 2016), 2511, 2518, 2520, 2524, 2532, 2533, 2534, 2535, 2538 (de 2017).

proliferação do mal, por isso o conceito denominado *banalidade do mal*<sup>2</sup>, que se refere ao fomento do mal a partir de sujeitos convencionais que se ausentam de pensar politicamente. Este ponto será fundamental no decorrer da pesquisa.

A pesquisa também reflete sobre perversão. A despeito de haver amplas definições sobre o termo, como a condição estruturante do psiquismo elaborado pela psicanálise a partir da renegação da castração simbólica (Freud, 2016; Lacan, 1985), a pesquisa adota a proposta de dessubjetivar e desqualificar a condição do *outro* (Szpanckopf, 2011). Este *outro* torna-se indigesto a ponto de ser silenciado em nome da permanência narcísica do gozo do *eu*. Para isso, há a articulação de montagens para justificar a eliminação d'*outro* do espaço político. O posicionamento dos participantes da pesquisa empírica será importante para perceber como seus discursos e práticas fomentaram ações perversas a partir da ausência de reflexão política.

## 1. Quadro teórico-metodológico

É importante reconhecer alguns conceitos para que seja esclarecida a pesquisa. O entendimento de circuito apresentado por Johnson (2006) vai ao encontro da ideia de mediação e mediação desenvolvida por autores que se debruçaram sobre recepção e consumo. Para reconhecê-los é necessário compreender a mediação como o desenvolvimento da cultura a partir das relações comunicacionais (Braga, 2012; Fausto Neto, 2008), ou seja, a mediação como potência de promoção de práticas e culturas em âmbito social.

---

<sup>2</sup> Hannah Arendt (1999) traça esse conceito a partir do reconhecimento de Adolf Eichmann, profissional responsável pela logística dos trens na Europa nazista. Ela não reconheceu nele uma figura abominável, mas um sujeito medíocre e desprovido de reflexão.

Essa proposta compreende como os processos comunicacionais elaboram panoramas culturais, além de contemplar os receptores como figuras ativas dentro desses processos. Nesta concepção, os receptores são compreendidos pela subjetividade, histórico, e práticas de consumo e recepção. Estes elementos elaboram as mediações (Martín-Barbero, 2003) e tornam-se fundamentais para reconhecer as tramas sociais que são desenvolvidas e também os posicionamentos dos sujeitos no espaço público. A mediação significa “que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana” (Martín-Barbero, 2000, p. 154), algo muito semelhante ao processo de leitura elaborado por Johnson em que há a necessidade de considerar os aspectos particulares e universais para analisar os produtos culturais. Por isso, os processos de recepção não podem ser compreendidos de modo mecânico, mas “como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle)” (Lopes, 2014, p. 67).

O entendimento de Johnson (2006) sobre o circuito cultura também pode ser contemplado como um circuito de comunicação, segundo Escosteguy (2007), uma vez que analisa lógicas de produção e consumo e oferece relevo à figura dos interlocutores nos processos de elaboração de sentido.

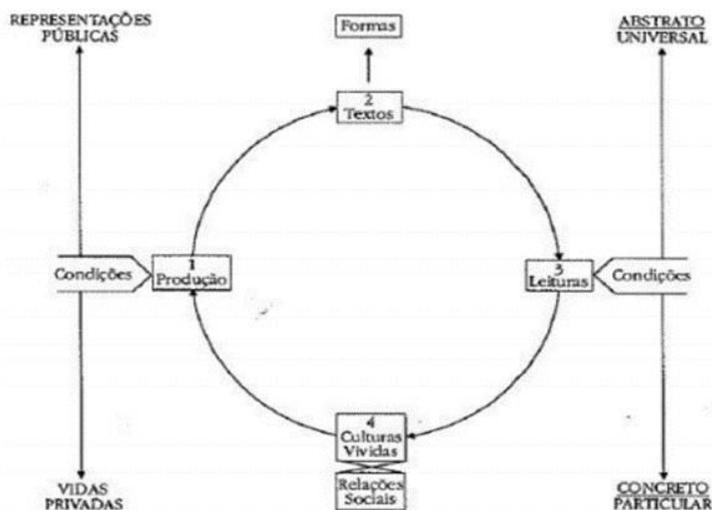


Figura 1. Circuito de Cultura  
 Fonte: Johnson (2006, p. 35)

O primeiro estágio do circuito proposto por Johnson é denominado como *produção*. Este estágio não diz respeito exclusivamente aos processos produtivos como práticas mercadológicas, mas pelas relações entre *representações públicas* e *vidas privadas*, ou seja, como as lógicas de produção se apropriam das referências que estão em circulação em âmbito público e privado para que haja produção cultural.

O modo de produção do jornalismo, para Tuchman (1999), é estabelecido por hierarquias que apresentam quais discursos são dignos de serem veiculados e quais são silenciados e, por isso, o jornalismo é uma realidade construída, entretanto, como manifestação de poder e uma condição de “verdade”. Entre as particularidades de produção, a revista manteve a linha de pensamento de aversão aos posicionamentos de esquerda, petistas ou semelhantes, em consonância com o discurso da maioria dos participantes. No caso específico, a *Veja* apoia as propostas neoliberais que prezam pela terceirização e privatização de serviços estatais. Em estudo realizado com as edições da revista de 1989 a 2002, Silva (2009) pôde comprovar que a *Veja* formula e programa ações para fortalecer propostas neoliberais. Para a

autora, a proposta neoliberal da revista é entendida como um suposto novo modelo de administração mais próspero para o desenvolvimento econômico e social do país e essa intenção também pôde ser percebida entre as edições selecionadas para a pesquisa em tela.

O próximo estágio é reconhecido como *texto*. Johnson acredita que o texto é um material bruto constituído por diversos atravessamentos como, por exemplo, a ideologia. O autor não reconhece o *texto* apenas como composições verbais, mas também fotografias, imagens, filmes. O processo de perceber o sentido faz “parte de um campo discursivo mais amplo ou ser uma combinação de formas que ocorrem em outros espaços sociais com alguma regularidade” (Johnson, 2006, p. 75). É por esta condição que o *texto* precisa ser analisado a partir da leitura feita pelos sujeitos.

A *leitura* é o terceiro estágio do circuito, compreendida não apenas pelo contato entre sujeito e objetos consumidos, mas também pelas mediações que o sujeito realiza para concretizar a *leitura*. A partir deste entendimento o consumo e recepção não podem ser entendidos meramente em questões comportamentais, mas ordenados por estruturas culturais e sociais: “é no espaço da recepção que os textos em circulação adquirem valor social ou efetividade política” (Escosteguy, 2007, p. 126). Para Johnson, o sujeito traz referências *concretas* e *abstratas*, isto é, concepções universais que o constituem enquanto sujeito na sociedade, e aspectos subjetivos. A partir da *leitura*, o sujeito tem potência para a circulação dos discursos a ponto de construir práticas culturais mais amplas e particularizadas devido às *culturas vividas* e às *relações sociais* – o quarto estágio que passa a compreender novamente as relações culturais amplas e as concepções individuais para a produção de cultura.

Um outro conceito importante à pesquisa é o entendimento de política desenvolvido por Arendt (1983, 1989, 2001) por acreditar que a política deve

ser elaborada pela visibilidade, pluralidade, liberdade e comunicação, isto é, os sujeitos livres têm a linguagem para organizar o espaço público e a tentativa de minar os modos de visibilidade e ação é o exercício da violência. Arendt (2001) não considera política e liberdade como sinônimo, todavia, estabelece pontes entre os dois conceitos que são indissociáveis para o engrandecimento do mundo comum. Por esse motivo, os regimes totalitários e autoritários não são ações políticas, mas movimentos de violência.

No entendimento de Arendt, a política está alicerçada na pluralidade de visibilidades e essa relação é constituída pelo *senso comum*, a despeito das diferenças existentes. *Senso comum* não diz respeito a concepções estereotipadas, mas à capacidade de articulação em prol do comum. Baseada em Arendt, Schio (2012, p. 84) compreende que na política “conflitos particulares são transcendidos [...]; há a manutenção do grupo, como comunidade organizada; a preservação da própria humanidade [...] é mais importante que as querelas pessoais dos componentes do grupo”. Os aspectos privados e individuais não contribuem para a evolução do espaço político, pois não dialogam com o *senso comum*. Segundo Assy (2016), as paixões enquanto manifestações privadas também não devem invadir o espaço político por terem cunho narcísico. Conforme apontado por Arendt (2001), as opiniões (*doxa*) e considerações dos sujeitos devem ser expostas no espaço público, todavia devem ser apreciadas enquanto prática pública para validade política e, na ausência desse fato, a opinião acontece apenas enquanto movimento narcísico.

Um outro ponto importante é o entendimento sobre perversão. Há várias diretrizes para conceituar as perversões. Como linha condutora da pesquisa, para Szpacenkopf (2003), as perversões podem estar associadas a práticas narcísicas quando a devoção ao *eu* é extremamente desenvolvida a ponto de criar estratégias, leis e artimanhas para evitar as quebras e as

obstruções a que todos estão sujeitos. No cenário político brasileiro ocorreu a defesa das paixões pelos afetos em detrimento do debate político.

A confluência entre política e os afetos para Han (2017) é um dos traços mais marcantes para a escolha de representantes; é estar a par dos anseios individuais e perceber que as propostas dos representantes políticos são direcionadas a intenções segmentadas:

A tirania da intimidade psicologiza [...] os políticos não são avaliados por suas ações. Seu interesse está voltado para a pessoa, o que provoca neles coerção por encenação. A perda do caráter público deixa atrás de si um vazio onde se derramam a intimidade e as estâncias privadas. [...] O público se transforma em espaço de exposição, afastando-se cada vez mais do espaço do agir comum (Han, 2017, p. 81-82).

Sujeitos e grupos, ao seu modo de manifestar, construíram ambientes que, na verdade, esfarelavam o espaço político, instituindo a gestão das paixões e não avançam para o diálogo, mas na defesa das paixões e dos afetos privados.

Investigar os circuitos é perceber como os interlocutores oferecem força para promover a circulação de práticas e discursos pelos afetos. Para Braga, o circuito é o que acontece no fluxo adiante, ou seja, outros ambientes são alcançados para além do momento da interface: “acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto [...] à elaboração de comentários, [...] a uma retomada de ideais para gerar outros comentários” (Braga, 2012, p. 39).

Para a execução do circuito proposto, os participantes receberam por e-mail o conteúdo para ser analisado e assinaram o termo de esclarecimento que participam de uma pesquisa científica. Além da leitura das capas, os participantes responderam ao roteiro de perguntas semiestruturadas da entrevista em profundidade (Duarte, 2005), para reconhecer o seu

conhecimento acerca da perversão, política, comunicação e consumo de comunicação de massa, além da ficha cadastral que consta o perfil dos participantes. Em seguida puderam explicar livremente suas considerações sobre as capas lidas. Ao todo foram selecionadas oito pessoas aleatórias – de diferentes idades, sexo, classe social, escolaridade e profissão – para compor a amostra da análise. Esse número acontece pela saturação das respostas (Bertaux, 1980) sobre o tema.

| Identificação | Idade | Sexo | Escolaridade             | Profissão  | Estado civil |
|---------------|-------|------|--------------------------|--|--------------|
| (A)           | 49    | F    | Superior<br>Incompleto   | Artista plástica                                 | Casada       |
| (B)           | 66    | F    | Superior<br>Completo     | Cozinheira/aposentada                            | Viúva        |
| (C)           | 28    | M    | Ensino médio<br>completo | Serviços gerais                                  | Solteiro     |
| (D)           | 30    | F    | Superior<br>completo     | Supervisora de<br>atendimento em call-<br>center | Casada       |
| (E)           | 57    | F    | Pós-graduação            | Empresária                                       | Casada       |
| (F)           | 41    | M    | Superior<br>Completo     | Veterinário/ empresário                          | Casado       |
| (G)           | 33    | M    | Superior<br>Completo     | Designer   | Solteiro     |
| (H)           | 32    | M    | Superior<br>Completo     | Funcionário público<br>municipal                 | Solteiro     |

Quadro 1. Perfil dos participantes

O número de participantes da pesquisa se justifica, além da saturação, como um referencial para perceber que as irreflexões políticas e aspectos perversos estão em circulação. A intenção de formar este leque contempla a

crença de Arendt (1999) sobre o mal como fruto da ausência de reflexão e de descomprometimento com o espaço público por sujeitos convencionais.

Recolher as opiniões dos participantes da pesquisa faz acreditar na comunicação como circuito de produções elaboradas pelos veículos de comunicação, porque havia consonância de sentido entre os participantes e o discurso do veículo analisado. A compreensão de que a política é algo para *enganar*, um *jogo de interesses*, que gira *em torno de favores*, ou que é *algo que não desperta interesse*, abre caminhos para falhas no espaço público. Apenas os participantes (D), (E) e (H) conceberam a política como algo para a vida em sociedade. Os participantes trouxeram aos encontros leituras de outros veículos de comunicação e também conversas com amigos, familiares e as práticas de trabalho para ratificar seus posicionamentos, o que fortalece a ideia de mediações e de circuitos.

A proposta do *impeachment* ser circuito de perversões parte da ideia do compartilhamento de signos semelhantes entre os interlocutores da pesquisa e os discursos da revista. Mesmo sendo pessoas de diferentes classes sociais, idades e formação escolar, ao seu modo particular, foram expressos desejos de aniquilação de códigos associados ao PT, à Dilma, ao Lula e aos movimentos de esquerda, um movimento de dessubjetivação e de desqualificação da condição do *outro*. Um ponto interessante é que apenas uma das participantes era leitora e assinante da revista, todavia suas considerações se assemelhavam aos posicionamentos dos demais participantes que não liam constantemente a revista. Esse panorama ilustra uma das movimentações da midiaticização, uma vez que a mídia desenvolve e fomenta aspectos das culturas que circulam. Para Fromm (1979), sobre as práticas coletivas, o fato de todos agirem de modo homogêneo não certifica que a sociedade seja saudável, mas as manifestações massivas de paixões

podem ser sintomas agudos de doenças sociais causadas pela abstenção de reflexão enquanto ação política.

Um outro ponto importante foi a construção de fetiches e a necessidade de usurpar da condição de fragilidade do cenário político. Safatle aponta que a na elaboração fetichista “[...] o sujeito tem claramente ciência da ‘fabricação’ que ele impõe ao objeto; ou seja, de uma forma paradoxal, trata-se de uma reificação que se revela enquanto tal” (2010, p. 78). Essa proposta é perceptível quando participantes acreditam que a necessidade de *impeachment* se faz necessária pelas próprias vontades em movimentos antipolíticos.

## 2. Discussão

Uma das capas lidas pelos participantes foi da edição 2477. Em um fundo escuro, o rosto de Dilma Rousseff está ao lado do rosto de Eduardo Cunha, então presidente da Câmara, que aceitou o pedido de *impeachment*, em outubro de 2015, e que se encontra preso por corrupção e lavagem de dinheiro<sup>3</sup>. Com a chamada de capa *Tchau, querido/ Tchau, querida/ Como o impeachment da Dilma e a queda de Cunha, o Brasil tem chance histórica de fazer uma limpeza inédita na vida pública/ Veja acompanhou os últimos dias da presidente/ Por que a derrocada do deputado é o primeiro revés de Temer*, houve a intenção de equipará-los a despeito de Dilma não ter sido condenada a qualquer uma das investigações às quais foi submetida.

---

<sup>3</sup> Devido à pandemia do novo coronavírus e por ser idoso, Cunha cumpre a sua pena em regime domiciliar.



Figura 2. Edição 2477

Fonte: Reprodução

A necessidade de retirar os aliados do PT do espaço público sustentou o apoio ao então vice-presidente, Michel Temer, para assumir a presidência. A edição 2452, publicada antes do pedido de *impeachment* ser aceite, veiculou a simpatia da revista pelo vice-presidente ascender ao executivo nacional por ser a favor de medidas liberais, traço também encontrado nos participantes da pesquisa. A capa trouxe a fotografia em *close* de Temer com a chamada: *O plano Temer: como o vice-presidente e seu partido se preparam para assumir o governo caso Dilma caia.*



Figura 3. Edição 2452

Fonte: Reprodução

A participante (E), em grande medida, compartilha da afinidade com Michel Temer. Pela visão dela, Temer seria corrupto na mesma proporção que Dilma, entretanto, como fez bem à economia, preferia a permanência dela no cargo por que seria uma forma dela manter seus lucros, uma vez que é empresária:

Eu sou empresária da área de venda. [...] está a promover a inflexão sobre o espaço político e a pensar apenas a partir da própria vivência e dos seus semelhantes, sem avançar para o espaço público. [...] O Temer não é um presidente legítimo para mim. Tem a classe dos empresários brasileiros que acha que é bom que ele fique, mas vamos deixar ele lá porque a economia está melhorando, [...] A gente precisa melhorar a economia, depois, claro, pensar em educação, saúde, saneamento para a população.

É importante frisar que no espaço público e político, conforme apresenta Arendt (1989), não há consenso. Muito pelo contrário. Há debates, enfrentamentos e discussões. Todavia, esses procedimentos não deveriam ocorrer na intenção de anular os discursos que são diferentes, mas deveriam ser analisados enquanto possibilidades para melhores saídas para a pólis. Como exemplo, a edição de 2469, trouxe a imagem de Lula em alusão à Medusa, em que seus cabelos eram jararacas, com a chamada *O desespero da jararaca*.



Figura 4. Edição 2469

Fonte: Reprodução

Um ponto crucial entre os participantes da pesquisa e o discurso da revista foi a necessidade de realização do *impeachment*. A exceção foi o participante (G), que se posicionou contrário ao processo. O participante (F) acredita que o *impeachment* foi algo *sujo, manipulado*, porém *necessário*. A concepção de acreditar que dentro da política todas as movimentações, independentemente da qualidade moral ou ética, podem ser executadas sem a devida reflexão política encontra forças nos discursos midiáticos que clamaram pelo *impeachment*. Nesse ponto, são percebidos traços do mal banal por conta da intenção do participante não se atentar sobre a importância de pensar politicamente sobre o acontecimento político. A ideia de realização do *impeachment* a qualquer custo é a máxima da proposta da revista e dos participantes, o que edifica a intenção de circuito pelos desejos dos participantes.

O participante (H), que participou de uma manifestação em 2015, que supostamente seria contra a corrupção, acredita que sua presença foi de fato contra a corrupção e contra a atuação do PT. Sobre a saída da presidente, ele apresenta que houve interesse de determinados grupos para que acontecesse

o *impeachment* e também a colaboração de veículos de comunicação para a sua concretização: “Acho tão importante a finalização do mandato e o *impeachment* é algo sério. Só que era do interesse dos deputados a saída [de Dilma]”. Para ele, “o *impeachment* pela mídia foi intensamente motivado por mudanças, o Brasil iria mudar. Talvez vai entrar Michel Temer, talvez consiga. Com Dilma estava muito ruim”.

Do ponto de vista da comunicação é importante analisar que a opinião dele tem base nas relações sociais que o circulam e que suas considerações são sintomas dos afetos e relações que estão presentes na vida de qualquer sujeito. No momento da pesquisa, o participante (H) reconhece que o *impeachment* foi agressivo à sociedade, mas foi a favor pela “aversão ao PT”, uma vez que durante grande parte de sua vida o Brasil foi governado por petistas e reconheceu no partido uma série de acusações de corrupção. Essa situação, para ele, foi propícia ao desenvolvimento do que sentia e a *Veja* também contribuiu para a formação deste sentimento: “(...) A população pedia a saída do PT. PT é corrupção (...). A raiva que você tem de Dilma vai para o PT e, por isso, muita gente foi às manifestações”. Pela fala do participante, o afeto antipetista foi um dos motores para o fomento do *impeachment*, todavia mediado pelas paixões e sem a devida preocupação política arendtiana. Quando se leva em consideração os afetos, o julgamento do participante é constituído pelos afetos, todavia desprovido de reflexão política.

No discurso do participante, ao trazer outro veículo de comunicação em consonância com a proposta discursiva da revista *Veja*, é fortalecida a ideia de circuito não enquanto uma força manipuladora, mas de confluência de afetos. A paixão, nesse caso, não pode ser interpretada como a libido que motiva o desejo e se torna combustível para a ação, mas como o pensamento que se origina da inflexão política.

### 3.1 Fetichização e aspectos antipolíticos

Enquanto circuito, houve a fetichização dos códigos, uma das práticas da moral perversa. Para a psicanálise, o fetiche é compreendido como a representação para ocupar o lugar da ausência fálica da mãe – inconscientemente, o sujeito adota objetos e práticas para não reconhecer a angústia da castração e, assim, permanecer em gozo. Esta qualidade foi observada nos discursos da revista e dos participantes sobre o *impeachment* sobre a representação dos governos petistas. A cobertura incessante dos indícios de corrupção praticados pelo partido e a movimentação para o fomento do *impeachment* puderam ser observadas na produção das capas. Para ilustrar essa hipótese, das 54 edições de 2016, 42 foram destinadas a abordar a situação de Dilma no cenário político-partidário e os avanços e retrocessos das investigações da Lava-Jato. O afeto fetichista também pôde ser observado quando Secco (2011) constatou que das 22 capas, de junho a dezembro de 2015, apenas três não foram destinadas ao PT e cinco delas eram diretamente contrárias à figura de Lula. Pelo depoimento dos participantes, a legitimidade do *impeachment* foi o pretexto organizado para a necessidade de silenciar a diversidade de discursos.

A construção de fetiche pelo PT acontece pela participante (E) e pela revista quando houve o movimento de eliminação das referências petistas do cenário político como sinal para desenvolvimento econômico e social, o que caracteriza mais um dos movimentos do circuito pela mediatização. Além disso, a participante apresenta que o *impeachment* foi necessário para reconstituir a moral política brasileira:

O *impeachment* foi necessário para moralizar, destruir essa crise moral, tentar colocar gente nova. Para mim, a *Veja* foi um veículo que fomentou tudo isso. [...] Agora, de uma maneira geral, não só a *Veja*, mas todos os veículos de

comunicação, *Jornal Nacional*, eles ajudam a acelerar os processos. Eu acho que a *Veja* acelerou, o *Jornal Nacional* acelerou.

A participante também pontua sobre a participação popular em movimentos que se propuseram combater a corrupção, os chamados *paneleiros*. Motivo da capa da edição 2438:

Eu participei das passeatas em Londrina. Nós batemos panelas aqui. Assim, o povo está cansado, a carga tributária brasileira é muito alta, [...] o povo chegou no limite ao ver a classe política brasileira viver no oásis. Você viu, o prefeito de Londrina não pagou o IPTU<sup>4</sup>, ele não pagou a taxa de coleta de lixo. [...]



Figura 5. Edição 2438

Fonte: Reprodução

A participante trouxe a realidade que vive contextualizando movimentações que acontecem em âmbito nacional com as vivências particulares. A *leitura* dela das capas da revista é fruto das mediações que são feitas a partir das concepções e linguagens que são atravessadas e constroem os sentidos de discursos lidos. Entretanto, ela não consegue mensurar com a mesma clareza e objetividade os motivos que levaram a

---

<sup>4</sup> Em janeiro de 2018, a população de Londrina foi surpreendida com aumentos no IPTU, que ultrapassaram mais de 100%, dependendo da localidade e da metragem da área. Entretanto, a residência do prefeito de Londrina, Marcelo Belinati (PP), não teve aumento naquele ano no IPTU.

sociedade a não se manifestar sobre os indícios de corrupção na gestão de Temer:

A permanência do PT, para (E), seria sinal de atraso e por isso o fetiche de eliminação e a necessidade de aniquilamentos daquilo que pode prejudicar o gozo. Todavia, o gozo apresentado por ela não é um gozo político em que todos usufruíam, mas o gozo narcísico, fechado em si mesmo ou, no máximo, entre os semelhantes que usufruem da mesma condição que a participante. Excluir o *outro* do gozo, além de articular sua destruição, é um sinal de qualidade perversa. A mediação que a participante realiza atravessa mais aspectos individuais que aspectos políticos, mesmo reconhecendo que Temer não seja legítimo para o cargo, mas ela confia na atuação dele por ser empresária e pertencer ao mercado econômico e financeiro. Ela acredita que a manutenção favorável do cenário econômico seria suficiente para concordar com a permanência de Temer. Sob outra ótica, aquilo que seria aversivo ao *eu* poderia ser eliminado. O contato com aquilo que seria estranho à promoção do gozo reconhece o *outro* como invasor *potencial* (Safatle, 2010) e, assim, precisa ser combatido.

### 3.2 Aspectos antipolíticos e dessubjetivação

Com exceção do participante (G), os demais concordaram que o processo foi legítimo e concordaram com o modo como foi realizado. A participante (B) relata o seu modo de ver o *impeachment* de Dilma Rousseff:

Não acho que foi golpe. Foi *impeachment*. A mídia colaborou para tudo isso. O *impeachment* foi organizado pelos poderosos de Brasília e por gente que queria a Dilma fora. Foi tudo manipulado./ Então, o que você tem a me dizer sobre o processo como um todo?/ Foi necessário. Ela fazia muita coisa ruim./ Então, o fato de ser manipulado e ter sido arquitetado pelos poderosos de Brasília, como você mesma disse, justifica a ocorrência do *impeachment*?/ Sim, precisava dar um rumo com a política.

Para ilustrar, a opinião da participante também esteve presente no editorial da edição 2455, intitulado *A beleza do impeachment*, em que apresenta “Impeachment não é guerra. Também não é golpe” (Revista Veja, 2015, p. 14), o que fortalece a ideia de circuito entre os veículos e os interlocutores. Nenhum participante afirmou que o processo era belo. Entretanto, apenas o participante (G) o questionou do ponto de vista político enquanto ação em comum. O circuito do *impeachment* pode ser percebido pelo discurso do participante (F), que o reconheceu como *sujo*, porém, necessário:

O *impeachment* foi sujo, muito sujo. A mídia, a imprensa mostrou a verdade. Tinha muita coisa ruim no governo e foi comprovado isso. O *impeachment* irá acontecer por causa disso. [...] Foi legítimo, precisava fazer. [...] A *Veja* mostrou a verdade. A *Veja* contribuiu para que o *impeachment* acontecesse. Não só a *Veja*. Eles expuseram a verdade.

Há sintonia entre o seu discurso e o discurso da revista. Quando o participante clama pelo *impeachment*, é fortalecida a ideia de circuito dos afetos, composto pelas paixões fora do esquadro político segundo Arendt. Ser *sujo* e mesmo assim ser necessário é uma desqualificação da ação política, além de endossar o afeto antipolítico para fomento do *impeachment*. O que torna o pensamento do participante nebuloso é legitimá-lo sem percebê-lo como fruto de articulações obscuras que ele mesmo pontua.

Para a participante (A), Dilma “não tinha condições de governar o país”. A participante, assim como o participante (F), considerou que o processo de *impeachment* da presidente não foi golpe. Segundo a participante, a incompetência de Dilma, a inabilidade de formação de apoio no Congresso Nacional e a insatisfação da população seriam condições suficientes para o processo. No entanto, o desejo dela de *impeachment* permeou concepções privadas:

Dilma não tinha condições nenhuma. Não foi pelas capas que tirei a conclusão que não gosto do PT. [...] A revista mostrou o que estava acontecendo, uma verdade. [...] Eu não leio a revista *Veja*. [...] A gente vai vivendo outras coisas e você tira as suas próprias conclusões.

É possível reconhecer o valor de outras mediações que a participante realizou para estabelecer movimentos de recepção. A *verdade* apresentada por ela é semelhante ao reconhecimento de *verdade* apontado pelo participante (F), ou seja, a contemplação do próprio desejo, além de pontuar outras mediações para fazer a *leitura* das capas. Além disso, (A) reconhece a insatisfação com a Presidente de modo simples:

[...] A revista mostrou um fato. As pessoas estavam insatisfeitas e isso justifica as capas. [...] Era fácil ver isso pelo dia a dia. Cadê o dinheiro? Imposto subindo, gasolina subindo. [...] Percebi isso pelas pessoas que conversei, pelos amigos que conversei. Você sai na rua e vai percebendo isso, no ônibus... [...] Os meios de comunicação não tiveram nenhuma parcela, foram as pessoas que fizeram, alguns não tinham nem comida no prato.

Refletir sobre política, como fez a participante (A), é limitar o ser humano à existência metabólica, como apresentou Arendt (1983) sobre o *animal laborans*. O conceito diz respeito ao sujeito que mantém na repetição exaustiva das atividades laborais sua visibilidade pública e não colabora com a ação política. A *leitura* das capas e da realidade também se faz nos modos de sociabilidade e mediação em outros espaços. Em outra fala, percebe-se, mais uma vez, o fetiche pela intensa dedicação da revista em abordar e usufruir da condição do PT e seus correligionários e, após o *impeachment*, contra o PMDB, segundo a participante:

Eu acho a *Veja* bem tendenciosa e até parcial. Ela deixa bem claro a ojeriza pelo PT [...], ela pega menos pesado com o PSDB, apesar de ter publicado sobre o Aécio<sup>5</sup> [...]. Eu acredito que ela deixa a desejar quando ela poderia falar mais. Mais sobre cultura, saúde, ética, moral, educação também. Não apenas educação sistematizada, mas a educação moral mesmo, para o cidadão. [...] Que fizesse mais a favor de uma sociedade mais justa, mais ética.

A participante (B) também criticou a forma como a política partidária é conduzida no Brasil, trazendo as paixões à tona torna-se um gesto desqualificador ao espaço político:

A Dilma tinha o prazo e o prazo venceu. Aí ela começou a ficar muito cabeçadura e o *jararaca* [ela se refere à capa em que Lula aparece simulando Medusa com os cabelos de jararaca] ficou com medo. Na verdade, quem tirou foi o lá de cima, a gente só fez de conta que tirou como foi o caso do Collor.

Acreditar que uma chefe de Estado tem um *prazo de validade* fora dos ditames democráticos é desacreditar da democracia enquanto forma de governo. Além deste ponto, ela também pontua que o *impeachment* foi manipulado, principalmente pela mídia e por aqueles que ela chama de *poderosos*, que seriam pessoas que tinham interesses pela saída da Presidente. Por isso, ela acredita que o processo de impedimento e as manifestações contra a corrupção foram motivadas pela mídia, frutos de manipulação:

O povo foi incitado a fazer isso, e foi; e acha que está tudo bem agora? [...] A mídia incitou. O povo tem direito de ir para rua, mas não sei se foi por conta ou porque foi incitado. A mídia influencia para o bem ou para o mal.

Primeiramente, ela acredita que foi criada a imagem de Dilma como sendo *coitadinha*. Depois, ela acredita que mesmo havendo as manipulações,

---

<sup>5</sup> Adversário político de Dilma Rousseff nas eleições de 2014 e que movimentou o processo de anulação da eleição da chapa eleita Dilma/Temer, mas sem sucesso.

“o tempo de Dilma terminou”. Pela leitura da capa da edição 2477, ela não apresentou motivos concretos para o *impeachment*:

Aos olhos de quem lutou tanto, ele é legítimo [*impeachment*]. [...] / Você acredita que deu a hora dela? / Eu? Eu acho que ela não deveria ter entrado. [...] Não sei se teve perversidade. Vejo como manipulação. A manipulação é uma forma de perversão. Foi manipulado. Agora se foi legítimo. Se está certo o *impeachment*? Eu acho que está, só não acho que esse aqui não deveria ficar no lugar (aponta para uma das capas que mostra Temer). [...] Uma coisa é certa, meu neto fala melhor que ela.

No discurso da participante são encontradas a dessubjetivação e a deslegitimação do *outro* dentro do espaço público. Além de não reconhecer os movimentos democráticos, ela não tem a certeza da necessidade de *impeachment* para além dos desejos privados. Como a própria participante pontuou, não houve fatos concretos que justificassem o processo, entretanto, ela mesma afirma que o *impeachment* foi necessário e legítimo. Para além disso, fortalece também a ideia de alucinação apresentada por Ab’Sáber (2015), não apenas no exemplo de combater com figuras fantasmagóricas (comunistas, socialistas, etc...), mas de não conseguir articular a própria fantasia que ela mesma construiu, pois a participante não consegue elencar quais elementos verdadeiramente precisariam ser combatidos.

A participante (D) também afirma que houve movimentações não muito nobres na política partidária brasileira e, por isso, a política tornou-se um *banco de favores* em que os políticos negociam as operações obscuras em prol de seus próprios privilégios. Para ela, a gestão de Dilma foi apenas “uma passagem de faixa do Lula para ela”. Além disso, a participante expõe o quanto a política se tornou numa manutenção das questões individuais em defesa da legitimação pessoal ou de determinados grupos. A naturalização de estruturas alheias à política no espaço público oferece prosperidade às

perversões, uma vez que não há a problematização da política enquanto prática para atender aos desejos privados.

Primeiramente, a participante acreditava que o *impeachment* não iria e disserta “Continuei levando cedo, indo trabalhar, não pararam de ter multas, a vida tem que seguir, tem que fazer o Brasil girar”. O discurso da participante também pode ser analisado pelo pensamento de Arendt (1983) sobre o triunfo do *animal laborans*, conforme apresentado. Mesmo após o *impeachment* acontecer, ela acredita que “o Brasil precisa girar” como a repetição de um dia comum, fortalece a ideia de ausência de reflexão política sobre o impacto do acontecimento no espaço público, uma outra manifestação em consonância com o discurso da revista. Mesmo reconhecendo que as manifestações de ruas, contra ou a favor do *impeachment*, foram válidas, a presença do trabalho como força legitimadora para vida política é algo presente no discurso da participante. Ela acredita que as manifestações que aconteceram nos dias da semana contra o *impeachment* causam dúvidas:

[...] Eu acho que as [manifestações] que tiveram no sábado e domingo são extremamente válidas. Não que as [pessoas] que manifestaram no dia da semana não sejam trabalhadoras, só se houve uma grande coincidência dessas pessoas estarem de férias, de folga, de licença para ir em um dia da semana para manifestar. Eu não sou da esquerda, nem da direita. Não acredito nisso. Acredito que tenha interesse por trás. Eu acho válida, contribui para o espaço democrático, só o fato de ser ouvida é válido.

O participante (H) foi o único do universo selecionado que posicionou contra os discursos da revista e contra os processos de *impeachment*. De todas as entrevistas realizadas, essa foi a mais longa. Negro e profissional formado pelo sistema de cotas de acesso às universidades públicas, ele acredita que o *impeachment* de Dilma foi agressivo. Por outro lado, o participante também analisa criticamente as gestões dos petistas quanto aos modos de governabilidade: “O governo do PT foi muito intransigente, muito

corrupto. Agiu de modo muito semelhante como o PMDB fez também. O PT apenas colheu frutos do passado”.

Mesmo com o posicionamento crítico quanto às gestões petistas, o participante também considerou que a prisão de Lula seria uma forma de demonstrar ainda mais a fragilidade política: “Acredito que não haja provas cabais para a prisão, mas como uma nuvem de ódio ao PT está circulando, fica difícil enfrentar [...] Se o Lula for preso, saio no dia seguinte em protesto”. Mesmo não concordando com o modo como foi realizado, ele acredita que os acontecimentos acerca do acontecimento foram “consequência das alianças feitas pelo PT [...], e que muitas vezes o PT não governou para a população”. Conforme apresentado, o presidencialismo de coalizão encontra-se desgastado, entretanto, considerar que as falhas apresentadas pelo participante poderiam causar o *impeachment* é, de alguma forma, perceber que a política partidária um jogo sem escrúpulos e que por isso seriam naturais todos os movimentos ocorridos antes, durante e após o processo.

A amostra de participantes pode não evidenciar o pensamento e a ação completa de toda a realidade acerca da recepção dos discursos da revista sobre o *impeachment*, todavia, apresenta alguns discursos importantes sobre o acontecimento. Por outro lado, a hipótese proposta de que sujeitos convencionais oferecerem vigor a discursos ausentes de reflexão política impulsionados pelas práticas midiáticas em forma de circuito é comprovada na investigação. Cada um a seu modo, trazendo à tona suas perspectivas e mediações, observam e traçam a realidade e os modos de compreender os discursos que estão em circulação e também de produzir outros discursos e outras práticas que circularão. A deficiência de reflexão sobre assuntos pertinentes à política e a fetichização apresentados pelos participantes tornam-se condições para o exercício de recepção da revista e para estabelecer mediações para a realidade vivida.

### 3. Considerações finais

O estudo de práticas comunicacionais pela composição de circuitos extravasa o entendimento da comunicação por concepções pragmáticas e funcionalistas. Os discursos em circulação naquele momento não podem ser interpretados exatamente como manipulação midiática, mas enquanto sintoma das qualidades morais e culturais que estão em voga a partir das mediações que são realizadas. A semelhança de opiniões entre os participantes com o discurso da revista oferece a condição de circuito por apresentar consonância de sentidos, ou seja, mesmo entre aqueles que não consomem a revista, são criados afetos que favorecem a identificação e a reverberação da importância de realizar o impedimento de Dilma Rousseff. A intenção do circuito, para Safatle (2015), compreende a vida social como um mecanismo de contemplar também os modos que reconhecem os sujeitos como indivíduos e pessoas, em aspectos sociais e subjetivos, assim como para Johnson (2006). E a comunicação, como apresentou Martín-Barbero (2000), criou cultura que, no caso, foi de favorecimento do *impeachment*.

A invasão de paixões e preferências pessoais para argumentar a discussão pública fazem que o espaço político se fragmente e perca a notabilidade de comunicação para melhores saídas para a organização da polis e essa ideia foi apropriada e circulou nos meios de comunicação enquanto um sintoma de valores culturais que estariam em vigência. Não houve, pela explanação dos participantes, a problematização da política, mas a intenção de fazer valer as vontades pessoais enquanto desejo moral. A ideia de circuito de comunicação também se faz presente nas considerações dos participantes.

Mesmo sendo pessoas de diferentes condições sociais e culturais, alguns de seus posicionamentos se assemelham porque justamente

compartilham de códigos e discursos semelhantes. Suas vivências e experiências são interseccionadas e apresentadas nas *leituras* dos conteúdos comunicacionais. Os discursos midiáticos, por sua vez, fomentaram o desejo do *impeachment*, ou seja, criaram a cultura da necessidade de impedimento da Presidente Dilma Rousseff. É importante ressaltar que, assim como Arendt (1999) acreditou que as pessoas convencionais que fomentaram o mal não são exatamente perversas, esta reflexão permanece para a pesquisa: são pessoas que se abstiveram de pensar e refletir politicamente e colocaram em circulação as paixões no âmbito público. Os discursos midiáticos, a despeito de terem força, perderiam vigor se não houvesse o desejo dos interlocutores para circulação.

A presença de maior ou menor quantidade de capas da revista selecionadas dentro do período proposto seria indiferente para pesquisa realizada naquele momento, já que a paixão pelo *impeachment* foi uma potência para que este acontecesse. A proposta da pesquisa é de compreender os afetos no cenário político e a predominância de discursos pela execução do *impeachment* enquanto forma de circuito, ou seja, de valores que estão em circulação. Por esse caminho, o *impeachment*, a despeito de ter sido impulsionado pelas arquiteturas nebulosas da política brasileira, foi excitado pela população e construído pelos desejos privados em nome de aspectos fora da ordem política, um circuito, que além de ser perverso, foi antipolítico.

## Referências

- Ab'Sáber, T. (2015). *Dilma Rousseff e o ódio político*. 1ªed. Hedra.
- Arendt, H. (1983). *A condição humana*. Forense-Universitária.
- Arendt, H. (1989). *As origens do totalitarismo*. Companhia das Letras.
- Arendt, H. (2001). *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva.
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras.
- Assy, B. (2016). *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. Perspectiva.
- Bertaux, D. (1980). L'approche biographique. Sa validité methodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 69, 97-225.
- Braga, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. In J. Janotti Junior; M. A. Mattos; N. Jacks. (Eds.) *Mediação & Midiatização* (pp.31-52). EDUFBA: Brasília.
- Duarte, J. (2005). Entrevista em profundidade. In J. Duarte; A. Barros (Eds.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp.62-83). Atlas.
- Escosteguy, A. C. (2007). Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e recepção. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 4(11), 115-135. <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v4i11.111>
- Fausto Neto, A. (2008). Fragmentos de uma analítica da midiatização. *Matrizes*, 1(2), 85-105. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>
- Foucault, M. (2012). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal.
- Freud, S. (2016). *Obras incompletas, v. 5: Neurose, psicose, perversão*. Autêntica Editora.
- Fromm, E. (1979). *Meu encontro com Marx e Freud*. 7ªed. Zahar Editores.

Grossberg, L. (2018). *Under the cover of chaos: Trump and the Battle for the American Right*. Pluto Press.

Han, B.C. (2017). *Sociedade da transparência*. Editora Vozes.

Johnson, R. (2006). O que é, afinal, Estudos Culturais? T.T. da Silva (comp.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Autêntica, 07-131.

Lacan, J. (1985). O Seminário, livro 20: *Mais, ainda* (2ª Ed.). Jorge Zahar.

Lopes, M.I.V. (2014). Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Revista Matrizes*, 8(1), 65-80. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p65-80>

Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Editoria UFRJ.

Martín-Barbero, J. (2000). Comunicação e mediações culturais. Entrevistador: Claudia Barcelos. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 23(1), 151-163. <http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v23i1.2010>.

Safatle, V. (2010). *Fetichismo: colonizar o outro*. Civilização brasileira.

Safatle, V. (2015). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Cosac Naify.

Schio, S. M. (2012). *Hannah Arendt: história e liberdade: da ação à reflexão*. Clarinete.

Secco, L. (2011). *História do PT*. Ateliê Editoria.

Silva, A. C. T. da. (2011). *Temporalidades em imagens de imprensa: capas de revista como signos de olhares contemporâneos*. Eduem.

Silva, C. L. (2009). *Veja: o indispensável partido neoliberal (1988-2002)*. Edunioeste.

Szpancekopf, M. I. O. (2011). *Perversão social e reconhecimento na atualidade*. Garamond.

Szpancekopf, M. I. O. (2003). *O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Civilização Brasileira.

Tuchman, G. (1999). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. N. Traquina *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"* (pp. 74-90). Vega: Lisboa.

Veja. (2015, dezembro). A beleza do impeachment. *Veja*, p. 14.

---

**Muriel Emídio Pessoa do Amaral**

Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Doutorado sanduíche em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro.

**Submetido: 15/09/20 – Aceite: 22/02/21 – Publicado: 30/06/21**